

## **ROQUETTE-PINTO**

\*médico, antropólogo, etnólogo, ensaísta, poeta e radialista.

*Edgard Roquette-Pinto* nasceu no Rio de Janeiro, então Capital do Império, no dia 25 de setembro de 1884, filho do advogado Manuel Menélio Pinto Vieira de Melo e de Josefina Roquette Carneiro de Mendonça. Foi criado pelo avô João Roquette Carneiro de Mendonça, com quem aprendeu amar a natureza. Viveu até os 10 anos de idade na Fazenda Bela Fama, próximo a Juiz de Fora, no interior de Minas Gerais. Seu nome de registro era Edgar Roquette Carneiro de Mendonça Pinto Vieira de Mello, mas o pouco contato com a família do pai o levou a alterá-lo para Edgard Roquette-Pinto, com um hífen, que ele fazia questão de destacar e dele não abria mão.

Retornando a sua cidade natal, fez o curso de humanidades no Externato Aquino, no Rio de Janeiro, então Distrito Federal. Ingressou, em seguida, na Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil, pela qual colou grau em 1905. Nesse mesmo ano legalizou seu novo sobrenome e depois o estendeu aos seus descendentes. No ano seguinte tornou-se, por concurso, professor assistente de Antropologia e Etnografia no Museu Nacional, na Quinta da Boa Vista, no Rio de Janeiro, de cuja cátedra Henrique Batista era o titular. Em setembro desse mesmo ano iniciou uma série de estudos sobre os sambaquis das costas do Rio Grande do Sul, onde havia jazidas de conchas, ossos e utensílios do homem pré-histórico que habitou o litoral da América.

Em 1907 recebeu convite para participar da Missão Rondon, chefiada pelo então tenente-coronel Cândido Mariano da Silva Rondon, cujo objetivo era promover a integração do território brasileiro. O projeto do governo consistia em levar as linhas de telégrafo por todo o interior do Brasil, até suas fronteiras. Mas o convite só seria aceito mais tarde (1911), quando viria a conhecer Rondon, figura que marcaria para sempre a sua vida. No ano seguinte casou-se com Riza Batista, filha de Henrique Batista, com quem viria a ter um casal de filhos e de quem se separaria alguns anos

mais tarde. Em 1911 foi delegado do Brasil no 1º. Congresso Universal de Raças, realizado em Londres. Resolveu então passar mais algum tempo na Europa, a fim de dar prosseguimento aos seus estudos com os professores Charles Richet, Emílio Brumpt, M. Tuffier, René Verneau, Joseph Perrier e o antropólogo austríaco Felix von Luschan.

De volta ao Brasil, no ano seguinte realizou, em companhia de Cândido Rondon, uma expedição à Serra do Norte, zona compreendida por partes de Mato Grosso, Amazonas, Pará, Acre e Guaporé (atual Rondônia), entre os rios Juruena e Madeira, reunindo dados sobre os índios Parecis e Nhambiquaras. O jornalista Rui Castro narra em seu texto “Roquette-Pinto: o Homem-Multidão”, que nessa expedição “ele foi etnógrafo, sociólogo, geógrafo, arqueólogo, botânico, zoólogo, linguísta, médico, farmacêutico, legista, fotógrafo, cineasta e folclorista. Anotou toda a aparência da região – da floresta à árvore e à folha – a composição dos solos, o contorno das montanhas, o fluxo dos rios, a intensidade das quedas e a riquíssima variedade da fauna. Nas visitas às tribos já pacificadas, mediu os crânios dos índios, comparou seus pesos e altura, analisou suas endemias e descreveu suas formas de produção, comércio e transporte. Registrou seus conhecimentos científicos, relações familiares, organização política, hábitos religiosos, formas lingüísticas, habilidade manual, cantos e danças. E ainda realizou a primeira dissecação de um indígena – na verdade, uma indígena – de que se tem notícia. Anotou musicalmente os cantos dos nativos e, não contente, gravou-os em cilindros de cera com o fonógrafo portátil que se usava na época. Filmou tudo que pôde e fotografou ou desenhou o resto. Sem contar o que recolheu de pedras, pontas de flechas e objetos indígenas, que transportou pelos milhares de quilômetros através de rios, pântanos e picadas abertas na selva.” O que restou de tudo isso encontra-se no Museu Nacional, no Rio de Janeiro. As anotações musicais foram entregues ao maestro Heitor Villa-Lobos, que as elaborou em composições assinadas em parceria com Roquette. Nessa viagem ele contraiu malária, ou impaludismo, cujas seqüelas

refletiriam na sua saúde na maturidade.

Todos esses dados recolhidos nessa viagem resultaram na elaboração do documento “Nota sobre os Índios Nhambiquaras do Brasil Central”, que expôs num congresso de americanistas realizado em Londres ainda em 1912, e no livro *Rondônia*, que seria publicado em 1917 pela Imprensa Nacional, seu primeiro trabalho acerca dos índios primitivos do Norte e Centro-Oeste brasileiro. A viagem pelo interior do país ensinou-lhe aprofundar os conhecimentos sobre a vida e a cultura dos povos indígenas, sobre os quais já havia mostrado interesse com a tese “O Exercício da Medicina entre os Indígenas da América.” Roquette-Pinto pôde, assim, aprofundar seu aprendizado em botânica, geologia, zoologia, antropologia e sobre clima. O livro *Rondônia* passou a ser considerado pelos estudiosos e especialistas “uma notável contribuição aos estudos etnográficos”. Como destaca Rui Castro no seu texto “Roquette Pinto: o Homem-Multidão”, “tornou-se lugar comum dizer que *Rondônia* estava para a saga de Rondon, como *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, estava para a de Canudos. Os dois livros revelavam um Brasil que, até então, muitos brasileiros julgavam existir apenas na imaginação dos poetas.” Roquette se sentia lisonjeado ao ser comparado a Euclides da Cunha, porque, na sua opinião, *Os Sertões* só era comparável a *Os Lusíadas*, de Luís de Camões, ou a *Don Quixote*, de Miguel de Cervantes. *Rondônia* foi ainda destacado, pelo crítico e ensaísta Álvaro Lins, pela sua virtude literária, e pelo sociólogo Gilberto Freire, por sua “segura base científica”.

Ainda em 1916 tornou-se professor de História Natural na Escola Normal do Distrito Federal e, em 1920, de Fisiologia na Universidade Nacional do Paraguai.

O ano de 1922 foi de grande importância na vida de Roquette-Pinto. Naquele ano era comemorado o primeiro centenário da Independência do Brasil. O Rio de Janeiro, então capital federal, abrigou uma grande feira internacional e recebeu a visita de empresários americanos que queriam demonstrar os avanços da radiodifusão, o grande destaque da época nos Estados Unidos.

Para demonstrar o funcionamento do novo veículo de comunicação, os americanos instalaram uma antena no pico do morro do Corcovado, onde hoje se encontra a estátua do Cristo Redentor, que até então não existia. A primeira transmissão radiofônica no Brasil foi no dia 7 de setembro de 1922 com um discurso do presidente Epitácio Pessoa (1919-1922), que foi captado em Niterói, Petrópolis, na serra fluminense, e em São Paulo, onde foram instalados aparelhos receptores. À noite, naquele mesmo dia, os alto-falantes tocaram a ópera *O Guarani*, de Carlos Gomes. A reação de Roquette-Pinto àquela "sucessão de maravilhas" foi: "Eis uma máquina importante para educar nosso povo".

Após essa experiência da primeira transmissão radiofônica no Brasil, Roquette-Pinto tentou, sem sucesso, convencer o governo federal a comprar todos os equipamentos apresentados pelos norte-americanos na Feira Internacional. O governo os comprou, porém foram doados aos Correios para que fossem operados como telégrafos. Mas Roquette-Pinto não desistiu e conseguiu convencer a Academia Brasileira de Ciências, da qual era secretário, a fazê-lo. No dia 20 de abril de 1923, com o apoio de Henrique Morize, presidente dessa Academia, Roquette-Pinto fundou a *Rádio Sociedade do Rio de Janeiro*, de prefixo PR-1-A, com fins exclusivamente educacionais e culturais. A primeira diretoria foi assim constituída: Morize foi aclamado presidente, Roquette secretário e outros acadêmicos ocuparam os cargos de tesoureiro e conselheiros. Os demais membros da academia assinaram, eufóricos, a ata de fundação e mais de 300 sócios efetivos e associados a subscreveram. Sua primeira transmissão, em caráter experimental, aconteceu às 20h30 do dia 1º de maio seguinte. O evento ocorreu numa sala de Física da Escola Politécnica, no Largo de São Francisco, Centro do Rio de Janeiro. O equipamento que viabilizou este feito foi o de radiotelegrafia que a Western Electric havia trazido dos Estados Unidos para a Exposição Comemorativa do 1º Centenário da Independência do Brasil. O discurso de inauguração da *Rádio Sociedade*, realizado por seu idealizador Edgard Roquette-Pinto, foi anunciado por

Caubi Araújo, signatário da ata de fundação, que assim se tornara o seu primeiro locutor, e ouvido por uns poucos ouvintes da Estação da Praia Vermelha.

Um ano depois das comemorações do Centenário da Independência, a *Rádio Sociedade do Rio de Janeiro* entrou efetivamente no ar no dia 7 de setembro de 1923. Estava instalada e funcionando no pavilhão doado pela Tchecoslováquia, em frente à Santa Casa de Misericórdia, na rua Santa Luzia, no Centro do Rio de Janeiro, agora com o prefixo PRA-A. Atendendo à finalidade para a qual havia sido criada e com o objetivo de promover a “educação em massa”, sua programação era toda elaborada pelos membros da Academia de Ciências. Eles produziam, escreviam e apresentavam os programas. Uns levavam discos de suas coleções de clássicos e óperas para tocar e falavam dos compositores, músicos e cantores; outros apresentavam seus programas recitando poesia, cantando ou tocando piano, instrumento que ele também sabia tocar. Ninguém recebia nada por isso. Roquette apresentava o “Jornal da Manhã”, programa em que lia e comentava para os ouvintes as notícias do dia, dando destaque ao noticiário internacional.

Naquela época, devido ainda aos ecos da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), para ser um ouvinte regular da rádio, era preciso se cadastrar junto à emissora, adquirindo um equipamento para ouvir a programação em casa. Para que isto ocorresse, o cidadão deveria “requerer permissão” ao Ministério da Viação através dos Correios e Telégrafos. Além disso, o interessado deveria ainda apresentar um fiador, que seria o responsável pela integridade patriótica de quem adquiria o aparelho. As autoridades da época supunham que o rádio poderia ser um instrumento perigoso, pois seria capaz de levar os segredos militares brasileiros às potências estrangeiras. A Polícia tinha poderes para prender quem fosse flagrado ouvindo aparelhos não autorizados. Mas, para Roquette-Pinto, o rádio serviria para difundir educação e cultura aos brasileiros. Com essa visão, definiu o rádio como “o jornal de quem não sabe ler, o mestre de quem não pode ir à escola, o divertimento gratuito do pobre”. Dessa forma, tornou-se o precursor da

radiodifusão no Brasil.

Em 1924 candidatou-se a uma cadeira na Academia Brasileira de Letras (ABL), na vaga aberta com a morte do poeta Vicente de Carvalho, mas não conseguiu ser eleito. Dois anos depois assumiu o cargo de Diretor do Museu Nacional, no qual conseguiu formar a maior coleção de filmes científicos no Brasil. Aí criou o Setor de Exposição de Etnografia Sertaneja. Permaneceria nesse cargo até 1935. No dia 20 de outubro de 1927, voltou a concorrer e foi eleito para a Cadeira n.º 17 da ABL, sucedendo Osório Duque-Estrada, autor da letra do nosso Hino à Bandeira. Foi empossado no dia 3 de março de 1928 pelo acadêmico Aloísio de Castro.

Em 1932, fundou a *Revista Nacional de Educação* e o Serviço de Censura Cinematográfica. No ano seguinte, Roquette-Pinto convenceu seu amigo, o educador Anísio Teixeira, então secretário da Educação do Distrito Federal, a criar uma rádio-escola, que seria mantida pela Prefeitura do Rio de Janeiro. Instalada em um prédio no Largo da Carioca, a emissora entrou no ar em 1933, com o nome de *Rádio Escola Municipal*, de prefixo PRD-5, da qual Roquette foi o primeiro diretor. Seria rebatizada, em 1945, com o nome de *Rádio Roquette Pinto*. Esta emissora permanece no ar (FM 94,1) e pertence ao governo do Estado do Rio de Janeiro.

Em 1936, os aparelhos de rádio já podiam ser comprados em lojas especializadas. Nesse mesmo ano, a *Rádio Sociedade do Rio de Janeiro*, até então sustentada pelo seu criador, passava por uma séria crise financeira e carecia muito de recursos para se manter no ar. Como Roquette-Pinto era contrário à publicidade na emissora, resolveu doá-la ao então Ministério da Educação e Saúde, mais tarde (1953) Ministério da Educação e Cultura (MEC), cujo titular da pasta era Gustavo Capanema, que tinha como seu chefe de gabinete o poeta Carlos Drummond de Andrade. A partir de então a emissora ganhou o nome de *Rádio MEC*. O ministro comunicou que a antiga *Rádio Sociedade* seria incorporada ao Departamento de Propaganda e Difusão Cultural, depois Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), órgão que se tornaria responsável pela censura durante o Estado Novo

(1937-1945) do presidente Getúlio Vargas. Mas Roquette-Pinto, indignado com a proposta de incorporação a este órgão do governo, exigiu a autonomia da emissora, com o objetivo de preservar a sua função essencialmente educativa, e ganhou a disputa. Até hoje a *Rádio MEC* mantém o mesmo ideário. Consta que, ao se despedir do comando da emissora que fundara, sussurrou, chorando, ao ouvido da filha Beatriz: "Entrego esta rádio com a mesma emoção com que se casa uma filha."

Em 1937 fundou o Instituto Nacional do Cinema Educativo, que dirigiria até 1947. Nesse período, com o cineasta Humberto Mauro, produziu cerca de 300 documentários sobre o país e orientou a parte histórica do filme *Descobrimento do Brasil*. Redigiu o comentário sobre arte marajoara do filme *Argila*, em 1940. Nesse mesmo ano foi eleito diretor do Instituto Indigenista Americano do México.

Com o fim do Estado Novo em outubro de 1945 e a conseqüente redemocratização do país, foram formadas novas agremiações políticas e Roquette-Pinto foi um dos fundadores do Partido Socialista Brasileiro (PSB), em 1947.

Esteve em vários congressos nacionais e internacionais sobre temas de sua especialidade. Roquette-Pinto foi ainda membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, da Academia Brasileira de Ciências, da Sociedade de Geografia, da Academia Nacional de Medicina e de inúmeras outras associações culturais, nacionais e estrangeiras.

Em homenagem aos seus estudos científicos, vários naturalistas famosos deram o nome de Roquette-Pinto a algumas espécies de plantas e animais: Olímpio da Fonseca deu ao parasito da pele dos índios de Mato Grosso o nome de *Endodermophyton Roquettei*; Brade e Rosenstock chamaram-no *Alsophila Roquettei*; Cândido de Melo Leitão deu-lhe a denominação de *Roquettia Singularis*. Já o botânico alemão Emil Heinrich Snethlage deu a um pássaro do Brasil Central o nome de *Phyloscartes Roquettei* e May deu a uma borboleta o nome de *Agria Claudia Roquettei*.

Faleceu no Rio de Janeiro no dia 18 de outubro de 1954.

Seu neto, Cláudio Roquette-Pinto Bojunga, tornou-se jornalista e escritor, autor, entre outros, do livro *JK, o Artista do Impossível*.

Escreveu ainda: *O exercício da medicina entre os indígenas da América* (1906); *Excursão à região das Lagoas do Rio Grande do Sul* (1912); *Guia de antropologia* (1915); *História Natural dos Pequeninos* (infantil, 1916); *Elementos de mineralogia* (1918); *Conceito atual da vida* (1920); *Seixos rolados Estudos brasileiros* (1927); *Glória sem rumor* (1928); *Ensaaios de antropologia brasileira* (1933); *Samambaia, contos* (1934); *Ensaaios brasileiros* (1941); além de grande número de trabalhos científicos, artigos e conferências, publicados de 1908 a 1926 em diferentes revistas e jornais.

Alan Carneiro

FONTES: DUARTE, A. *Roquete-Pinto*; Rádio Roquette Pinto. Disponível em: <<http://www.fm94.rj.gov.br/>>. Acesso em: 4/9/2008; Roquete Pinto.

Disponível em:

<<http://www.aticaeducacional.com.br/htdocs/secoes/biografias.aspx?cod=339>>. Acesso em: 4/9/2008.